

SEÇÃO: ARTIGOS

MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO E DA RECONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: MINHA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE SABERES E PROFISSIONALIDADE

Ana Carolina Peixoto Medeiros¹

RESUMO

Contextualizar o lugar de docência desde a sua formação familiar até a atuação profissional foi o objetivo desse relato de experiência. Sou uma professora de Administração que fui surpreendida por provocações sobre o plano ofício *versus* profissão *versus* vocação no exercício da minha formação. Ao passo que não tive uma formação pedagógica voltada para a atuação docente, me dediquei a estudar o lugar e o objeto da educação enquanto construção da profissionalidade dos professores. O despertar de opiniões e teorias ao longo da disciplina Saberes e Profissionalidade foi construindo uma teia de emoções e percepções que instigaram um breve memorial em que a descoberta do meu ofício e a sua construção em profissão fizeram o papel de questionar até que ponto nós bacharéis temos uma chancela formativa para atuação e formação de outros profissionais na área acadêmica.

Palavras-chave: Docência. Profissionalidade de professores. Ensino em Administração. Memórias.

Como citar este documento – ABNT

MEDEIROS, Ana Carolina Peixoto. Memórias da construção e da reconstrução da profissionalização docente: minha experiência na disciplina de saberes e profissionalidade. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e002544, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.2544>.

Recebido em: 02/07/2018

Aprovado em: 08/03/2019

Publicado em: 29/05/2019

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Instituto Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3463-811X>. E-mail: anacarinapm16@gmail.com

MEMORIAS DE LA CONSTRUCCION Y LA RECONSTRUCCION DE LA PROFESIONALIDAD DOCENTE: MI EXPERIENCIA EN LA DISCIPLINA DE SABERES Y PROFESIONALIDAD

RESUMEN

Contextualizar el lugar de docencia desde mi formación familiar hasta la actuación profesional fue el objetivo de ese relato de experiencia. Soy una profesora de Administración que fui sorprendida por provocaciones sobre el plano oficio *versus* profesión *versus* vocación en el ejercicio de mi formación. Al paso que no tuve una formación pedagógica orientada a la actuación docente, me dediqué a estudiar el lugar y el objeto de la educación como construcción de la profesión de los profesores. El despertar de opiniones y teorías a lo largo de la disciplina Saberes y Profesionalidad fueron construyendo una red de emociones y percepciones que instigaron un breve memorial en que el descubrimiento de mi oficio y la suya construcción en profesión hicieron el papel de cuestionar hasta que punto nosotros bachilleres tenemos una chancela formativa para la actuación y formación de otros profesionales en el área académica.

Palabras clave: Docencia. Profesionalidad de profesores. Enseñanza en Administración. Memorias.

MEMORIES OF THE CONSTRUCTION AND THE RECONSTRUCTION OF TEACHING PROFESSIONALISM: MY EXPERIENCE IN THE DISCIPLINE OF KNOWLEDGE AND PROFESSIONALISM

ABSTRACT

Contextualizing the place of teaching from family formation to professional performance was the objective of this experience report. I am a management teacher who was surprised by provocations about the official plan *versus* profession *versus* vocation in the exercise of my formation. Although I have not gotten a pedagogical training focused on teaching, I have devoted myself to studying the place and object of education as a construction of professors' professionalism. The awakening of opinions and theories throughout of the discipline Knowledge and Professionalism built a net of emotions and perceptions that instigated a brief memorial in which the discovery of my craft and its construction in profession played the part of questioning to what extent we graduates have a formative seal for actuation and training of other professionals in the academic area.

Keywords: Teaching. Professionalism of professors. Administration. Memories.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência nasce da minha vivência enquanto aluna de doutorado em Administração, na disciplina Saberes e Profissionalidade Docente², no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Minha tese se estabelece pela ligação entre a prática profissional dos professores de Administração e a ausência de uma formação pedagógica que subsidie essa prática. Como cerne dessa construção, meu ambiente de trabalho propicia uma interlocução entre a prática do docente de Administração e a pluralidade curricular do universo da educação básica, técnica e tecnológica-superior, no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE).

Além do fato de eu ser conduzida pelas leituras para a disciplina Profissionalidade e Saberes Docentes, bem como pelas discussões a partir delas, sempre acaloradas e dinâmicas, também fui revivendo memórias. Aproveitava os momentos não somente para uma reflexão teórico-conceitual, mas sobretudo para recontextualizar a minha própria trajetória enquanto docente.

Essa experiência foi um marco muito importante na minha construção enquanto pessoa e profissional. Escrevi o termo muito importante, mas ele ainda não traduz o quão significativo foi ter estado nesse lugar, nesse contexto, nessa formação de grupo, de pensamentos, de tantas novas formas de olhar para um suposto mesmo lugar.

O lugar de docente aparentemente é um só, mas ele se desdobra e se manifesta de tantas outras formas que confesso que em muitos momentos se torna até assustador. Ler o texto de Santos (2015) iniciou um processo de autoterapia. *Metáforas sobre o trabalho docente?* foi meu primeiro rabisco no caderninho vermelho de anotações. Fiz várias indagações. *Desde quando o trabalho docente poderia ter tantos olhares, ou será que essa conversa toda não é apenas para “encher linguiça teórica?”*.

Quando ocorreu o encontro para primeira discussão do texto, houve um choque argumentativo em que me desorganizei quanto à forma de construção do pensamento. Eu viajei longe, fui lá atrás, numa conversa com a minha avó materna num leito de hospital em 1986 quando eu tinha 10 anos. Num dia antes de ela partir, fiquei *um tempão* na Unidade de terapia intensiva (UTI) segurando a sua mão. Ela se despediu de mim dizendo que, além de me amar muito, tinha muito orgulho da “professorinha” dela. Essa memória havia se perdido ao longo do tempo e nesse dia, depois da metáfora do sacerdócio, voltou. Pensar em como me tornei professora parecia não ter resposta, pois eu nunca parei para essa reflexão.

² Essa disciplina foi ofertada no ano de 2017.2, pelo Programa de Pós-graduação em Educação, e ministrada pela Profa. Dra. Kátia Maria Ramos. Esse destaque também é uma singela homenagem a essa educadora brilhante que transformou minha vida a partir dessa vivência.

Hoje, suscitada a essa produção, revi tantos caminhos, escolhas e pessoas que fui me emocionando semana a semana. Não sou uma professora simplesmente, sou uma professora de Administração. Essa foi minha primeira grande reflexão. Na sétima série, numa quinta-feira, num evento chamado Conhecendo Profissões, a minha turma foi visitada por um médico e por um administrador. Lembro que fiquei encantada. À medida que o administrador foi falando sobre como conseguia erguer, conduzir, fazer crescer uma empresa e como as ideias poderiam se transformar em negócios, eu simplesmente sonhei.

Assim penso que nessa construção de ação eu me identifiquei. Essa identidade foi mantida por anos, pois sempre fui enfática ao dizer que optaria por Administração no vestibular. Construí minha profissionalidade a partir da sétima série. Tudo que eu fazia tinha relação com a forma como eu entendia que podia me ajudar a alcançar esse objetivo e eu consegui.

DESENVOLVIMENTO

As memórias da minha vida sempre estão circuladas pela escola. Esse lugar, além de me gerar segurança, traduz um ambiente de possibilidades. Eu refleti muito ao ler o texto de Santos (2015) nesse sentido: o que me seduziu tanto? Como eu respondo a essa profissão? Porque eu respondo a essa profissão? Que ambiência perpassa essa construção? Que atores têm tanta significação e por quê? Ao ler Xavier (2014) à luz de Dubar (2005) sobre o processo de construção da identidade, me encaixei imediatamente numa perspectiva diacrônica, em que a subjetividade tem um peso em face da construção social.³ Eu respondo ao universo escolar desde sempre. O que me encanta e me movimenta é o conhecimento. Reflito que o acesso ao conhecimento gera em mim possibilidades e nessa construção eu me sinto realizada. Digo sempre que sou fruto e produto da educação, tanto familiar, como escolar. A educação transformou a minha vida e eu consegui transformar a vida da minha família. Ser professora é poder despertar no outro esse universo de possibilidades. Foi o que enxerguei, ao longo de 15 anos de ofício, nos meus alunos: a transformação. Quando, através desse ofício, eu toco o outro, a ponto de ele alterar sua construção de mundo e tomar decisões que o desenvolvam, eu me emociono.

Lecionar Administração significa despertar para outros caminhos da minha própria profissionalidade. A profissionalidade é sinalizada por Barisi (1982) quando ele contextualiza a reação e a resistência de grupos que não se conformavam em ser fragmentados, em ser avaliados sem critérios que efetivamente transitassem numa avaliação de capacidades justas no contexto capitalista da industrialização. *Poxa...* Eu amei aquele texto! Lembrei da minha primeira turma oficial no ensino superior. Oitenta e um alunos e eu – na época uma menina,

³ Cursei a disciplina Identidade Docente, também ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação, porém ministrada pela Profa. Dra. Conceição Carrilho, outra mentora ímpar que possibilitou experiências únicas no processo de aprendizagem da identidade e dos saberes docentes. Aproximações com literaturas foram decisivas para a construção desta produção.

com tantas ideologias de mudança e de enfrentamento das “grelhas” que a sociedade impunha ao nosso desenvolvimento. Em três meses consegui mobilizar 81 pessoas a realizar projetos de intervenção nas comunidades, onde via pensamento empreendedor e nas quais desenhamos caminhos de sustentabilidade, de subsistência e de confiança que eram possíveis. Ali eu em definitivo abracei o caminho à minha profissionalização.

Olhar para trás não me trouxe mais nenhuma amarra. Eu deixei de lado nove anos de gerência empresarial, de experiências em implantação de empresas, de formação de equipes, de condução de negócios. Toda essa vivência foi importante para que pudesse traduzir aos meus meninos o que eu julgava serem escolhas positivas e escolhas negativas no mundo do trabalho. Eles adoravam as histórias, os exemplos, como saíamos das crises, como se demitiam pessoas, como se admitiam-nas. As aulas se estendiam sempre por mais tempo. Eu ia *garimpendo* das experiências construções teóricas e assim as proposições dos autores se tornavam mais reais e materializadas para eles. Foram tantos trabalhos de consultoria júniores e de preparação para processos *trainees* que me perdi na quantidade. Eu vivia diariamente imersa num universo mágico de possibilidades. Hoje, com a missão de construção do memorial, fui lembrar algumas conversas bem fundantes a essa reflexão. Mesmo eu sendo muito nova e lidando com adultos, era chamada de professora, era respeitada no sentido real da pessoa e da profissional. Nunca tive problemas para conduzir turma. Meus alunos eram enfáticos: “A senhora, quando olha a gente, já entendemos. Sua aula acontece e a gente não sente o tempo passar. Como a senhora fala com propriedade do tema. *Poxa*, eu hoje sou tão feliz em estudar Administração. Quero ser professora, *viu*, a senhora despertou isso em mim.”

Essas falas, essas experiências se perderam ao longo da minha vida. Acessá-las agora teve um peso tão grande, foi tão emocionante e acolhedor. Eu nunca pensei sobre isso. Quer dizer que ser professora poderia não ser avaliado como uma atividade profissional? O texto da Sophie Braem (2000) conseguiu me desorientar de vez. *Meu Deus*, eu escolhi ser professora, eu larguei tudo, eu vivo fazendo cursos complementares para me atualizar, eu participo de tanta coisa para poder compartilhar com meus alunos e eu não seria profissional por quê? Eu sou uma profissional liberal? Mas eu participo dos sindicatos, será que porque não sou licenciada isso me exclui? Enfim, eu me recusei a caminhar e transitar por esse texto à margem. Eu parti sem arestas da condição de ser uma profissional da Educação. Eu sou uma profissional da Educação. Eu sou professora de Administração. E não teria nada que conseguiria alterar essa construção em mim. Eu não tenho uma ocupação, eu tenho uma profissão. Eu escolhi ser professora e me dediquei a essa construção de profissionalidade. Abracei as vias de profissionalização com toda força. Estudei conteúdos específicos, fiz formação continuada, estudei as leis de educação, sou ativa nos grupos sindicais, enfim, eu me *profissionalizei*.

E a postura que sempre adorei com certeza provém da alteridade que sempre me conquistou na relação com meus professores. A sala de aula para mim é *sagrada*. Nela a forma como você se porta diz sobre como você percebe o seu ofício. E sempre fui enfática quanto a isso. Minha autonomia era respeitada não somente pelos meus alunos, mas por mim. Sempre enxerguei a autonomia como forma de sabedoria, tratando-a como ação consciente do professor ao desenvolver suas atividades com o olhar para a formação não apenas de conhecimentos específicos, mas sobretudo de uma formação cidadã. O professor reflexivo sabe do seu papel enquanto educador, sendo referência para seus estudantes. Assim desenvolve áreas do saber-fazer que dão razão de ser nesse processo de ensino-aprendizagem. Essa autonomia caminha, portanto, sobre os sentidos da docência, do processo formativo e das suas consequências na sociedade, como aponta Contreras (2002). Ao ler as obras do autor e toda a sua construção sobre autonomia docente, percebi que *ainda bem* que sempre lidei com a autonomia de maneira respeitosa. Isso porque visivelmente o tempo foi alterando sua essência. Antes muitos professores respiravam via autonomia, hoje, são tantas as pressões, as ameaças e os contextos desestruturantes que essa mesma autonomia não tem peso algum. O sentido do ser professor foi desconstruindo-se, foi perdendo-se na relação aluno *versus* professor, pois agora temos cliente *versus* prestador de serviços. Essa perspectiva me incomoda demais. Eu não caminho nela, nem a fomento. Eu não tenho o poder de vender conhecimento, pois o meu papel é discutir sobre ele, mediar, relacionar. Conhecimento *não é produto*, eu não sou máquina. Requerer minha condição de profissional é mais que um direito, é dever. Eu sou agente de mudança na sociedade, tenho obrigação moral, tenho como base atender necessidades sociais. Sou consciente dessas construções e reflito constantemente sobre elas.

Como diz Gimeno Sacristán (1995), profissionalidade é a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, um conjunto de comportamentos, valores, conhecimentos, destrezas, atitudes que constituem o ser professor. Não se baliza essa profissão mediante outras, são construções não afins. O professor transita numa formação de relações, interposições e elaborações por muitas vezes fora do que se considera acadêmico ou escolar. Assim, eu caminho nessa busca de valorização e identidade, recheada de ideologias sobre o diferencial do ser professor na sociedade. Eu sou importante, sou mais do que útil, eu sou *fundamental*. Pauto as minhas escolhas profissionais sempre pela construção de uma formação com qualidade que possa ser instrumento de mudança na vida das pessoas. Eu me dedico a minha formação, me dedico aos meus alunos, à minha profissão.

No texto de Bourdoncle (1991) quando adentramos as discussões sobre o sentido das profissões, as considerações que fiz acima se tornaram mais evidentes em mim. Ainda, Cogan (1953) e Barber (1963) reconhecem quatro atributos essenciais nos comportamentos profissionais, sintetizando-os em: aprofundamento dos conhecimentos gerais e sistemáticos; preocupação prioritária pelo interesse geral, antes do seu próprio interesse; grande domínio

do seu comportamento, graças a um código de ética assimilado durante a socialização profissional e controlado por associações voluntárias regidas pela própria profissão; e recebimento de honorários que constituem a retribuição de um serviço prestado. A partir disso, refleti que meu senso de construção profissional estava pautado em parâmetros notoriamente fundamentados.

A função social dessa formação do professor, definida por Sacristán (1995), com certeza dialoga com a minha construção particular. Tenho referências de valores e de condutas muito arraigados com respeito à profissão docente. A minha avó era professora e sempre refletiu não apenas felicidade com seu ofício, mas orgulho, reconhecimento e alegria nessa partilha de saberes. Cresci nesse ambiente onde a profissão docente era tida como uma grande referência. Eu não ouvia sobre salários ou benefícios materiais. Eu ouvia sobre formar, aprender, compartilhar, se alegrar com os alunos. Ser professora na minha família e no meu universo sempre foi motivo de orgulho e pertença. Talvez por isso, ou o que levou a isso, seja uma perspectiva cultural e social na qual me encontro. A institucionalização da minha profissionalidade se desenhou naturalmente, sem maiores dúvidas. E, mesmo com todas as mudanças na sociedade, no papel exercido pelo professor, eu mantenho o professar do meu ofício. Eu me adaptei às questões burocratizantes buscando romantizá-las dentro da ideologia que carrego.

Assim fui transitando na construção dos saberes, o que me levou a conhecer e nomear esses conhecimentos da ação docente de uma maneira muito fluida. Eu vivi para depois entender o que tinha vivido e tinha construído. Diferente dos profissionais que conhecem a linguagem e os conteúdos pela formação escolarizada de base, eu fui conhecendo e nomeando a partir da experiência. *De verdade* não sei ainda se isso é melhor ou pior, sei apenas que sempre é uma sensação de descoberta. Por esse motivo, as reflexões de Gauthier (1998) e de Lessard e Tardif (2005) foram tão enriquecedoras. Eu percebi tantas experiências de outras maneiras, como eu já contribuí no processo de profissionalização dos saberes de tantas pessoas. E não tinha pensado sobre isso. Saberes tão singulares que se traduziam em mim como vivências apenas passaram a ter um peso diferente, eu passei a traduzir contextos para tornar os conteúdos mais efetivos, mais aplicáveis. Conhecer as pessoas foi sendo o ponto de partida para todo e qualquer trabalho que realizo. A partir dessa base, eu desenho caminhos, métodos, linguagens que afetam de maneira significativa cada um. Esse desenhar me fez estar sempre em busca de novos olhares. Há 12 anos faço cursos em todas as áreas para entender como os profissionais pensam sobre seu próprio desenvolvimento profissional. Assim fui construindo olhares plurais de um mesmo conteúdo e aprendendo sobre como contextualizar essa experiência aos meus alunos. Além disso, eu participei de vários processos seletivos para conhecer como eles aconteciam, como as pessoas avaliavam, que recursos usavam. Isso me deixou mais preparada para formar e despertar o interesse

dos grupos com que trabalhava quanto aos comportamentos em empresas de vários setores.

Roldão (2005) reforça essa construção da profissão docente via conhecimentos específicos. Segundo ela, diferente de tantas outras profissões, em que um conhecimento, dado em contextos fragmentados, define a trajetória, o saber da docência perpassa uma infinidade de possibilidades que abrangem conhecimentos próprios de uma prática singular e de relações. Assim não existe um saber único que legitime, mas um corpo de saberes que se explicitam na ação, no fazer, que dependem dos grupos, do lugar, da cultura. Quantas turmas tive, tantas cidades. Passei quatro anos trabalhando na Universidade de Pernambuco (UPE) em Salgueiro. Essa experiência sempre será única. Como precisei vencer preconceitos para ir atuar no Sertão. Eu imaginava tantas dificuldades. E me deparei com todas, mas nenhuma significou a grandeza daqueles grupos tão ávidos e disponíveis ao conhecimento. Nossas aulas terminavam sempre quase uma hora depois, já que muitas vezes nos emocionávamos com nossas discussões. Meus alunos conseguiram construir seus negócios, favorecer a comunidade, avançar em pesquisas; hoje são professores, empresários, meus amigos.

Eu sou uma pessoa diferente depois da minha experiência na cidade de Salgueiro, em Pernambuco, da mesma forma que ocorreu com as minhas vivências na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu (FACIG), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), na Faculdade Villas Boas (FVB), no IFPE. Posso afirmar que foram todas um divisor de águas em minha vida, desencadeando uma formação profissional ímpar. É impressionante como essas pessoas e essas experiências se traduzem em projetos de vida, em desenvolvimento de novos projetos pessoais. É essa função comportamental da docência que Roldão (2005) também traz no texto e alinha bastante a forma de compreender o meu ofício.

Adoro estudar competências. Eu me reconheço nesse conteúdo e na forma construtiva como ele é desenvolvido, quando por profissionais habilitados. Criatividade, vontade de conhecer, sensibilidade, empatia, planejamento, domínio da sua área base, alegria, flexibilidade, atitude e resiliência são competências que transitam no mundo de profissionais realizados e felizes com seus ofícios conforme Dutra (2001) e Fleury (2002).

Ao longo dos meus nove anos de ensino como professora de Administração na educação profissional, percebi a importância e o diferencial da construção da profissionalidade e da nossa prática didática como bacharéis no ofício de professorar. Enquanto docente da área, estive inserida em vários contextos de atuação, desde o ensino, até a gestão. Atuei em projetos de extensão, pesquisa, comissões administrativas, ações de intervenção, projetos pedagógicos e de natureza estrutural.

Ao longo das experiências vividas, me deparei com diversos conflitos enquanto docente da área concebida como Gestão no Instituto Federal de Educação e Tecnologia de Pernambuco: desde a ausência de professores especializados nos assuntos demandados, até o direcionamento das nossas atividades a áreas totalmente distintas, apenas por “estar próximo do conteúdo em algum espaço de tempo”. Certa vez fui escalada para ministrar uma disciplina de Direito, sob o argumento de que havia visto esse conteúdo em minha formação.

Atuo em educação superior, técnica-profissional, ensino médio, educação de jovens e adultos, formação para PRONATEC (Programa Nacional Técnico de Capacitação), além de participar de projetos voltados para categorias tidas como marginais a exemplo de mulheres *trans*, mulheres do interior etc.

Chegou um momento que não sabia mais o que fazer, nem como fazer, em face a tantas demandas que exigiam formações não apenas pedagógicas, mas sobretudo de mundo, de experiência prática, de formação adequada conteudisticamente. Houve dias em que estava com quatro turmas de níveis e propósitos diferentes, nas quais tentava acessar internamente compreensões para lidar com essa pluralidade de exigências, linguagens, culturas, conteúdos e, *de verdade*, não encontrava.

Diversas vezes acessei diretorias de ensino sobre tamanha abrangência e dificuldade, mas, dentro das normativas legais, não havia impedimento. Assim, por iniciativa própria iniciei uma formação paralela na área de Educação, em que levei comigo a angústia de traduzir, em tantos grupos, espaços, contextos e conteúdos – experiência que não tive e formação que a minha área de Administração não forneceu. Entendi que o grande desafio era ser professora sem ter uma formação de base pedagógica-didática, pois os cursos de Administração são de bacharelado, e não de licenciatura, além de ser direcionada sem consulta prévia a todo tipo de conteúdo supostamente dentro de uma área. É como um médico cardiologista operando o cérebro.

Criei grupos de discussão, observei colegas, conversei com alunos e enxerguei a fragilidade de todo esse contexto, a ausência de reflexão sobre os prejuízos de não se pensar sobre isso e como o impacto na formação desses alunos estava diretamente ligado à ausência de formação docente adequada e especializada a cada contexto.

Ao longo das minhas observações, semestre a semestre, percebi que alguns docentes solicitavam ou o direcionamento a turmas específicas, ou a saída de algumas já iniciadas por não conseguirem atuar a contento. Isso passou a ser até mesmo uma práxis. Deparei-me com colegas deprimidos e amedrontados, em face de atuações fora de seu domínio de formação. Fui instrumento de mudança de várias situações, sempre na busca de um alinhamento de formação e experiência, sendo benéfica aos colegas e aos estudantes. Até

que eu fui a colega da vez. Fui colocada no núcleo de Turismo e Hotelaria, no de Gestão Ambiental, no de Design, no de Mecânica, no da área de Saneamento e no de Radiologia. Ressalto que me referi às áreas, além disso, contextualizo as diversas disciplinas com todos os tipos de abordagens e direcionamentos, englobando todos os campos de ensino.

Como consequência, adoeci. Esse processo desencadeou em mim projetos, propostas e intervenções, pois isso era impossível de se realizar com qualidade. Como lidar com demandas tão distintas? Como nós, professores de Administração poderemos contribuir nesses contextos? A formação em Administração suporta essas demandas? O ensino profissional reflete sobre as especificidades dessa formação em Administração e seus direcionamentos? Que saberes docentes são requeridos? Como são aplicados? Há efetiva contribuição dos professores de Administração nessas formações educacionais? Quais competências e como se constroem essas competências para essa diversidade? ⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos esses contextos, apresento questões norteadoras para essa reflexão. Tendo-as como base, intento caminhar no objetivo de entender os caminhos da construção da profissionalidade do docente de Administração na educação profissional, partindo da minha própria experiência, a fim de compreender como se desenvolvem as competências, os saberes docentes e a formação continuada, que subsidiam essa atuação. Esse intento se materializou na experiência vivida na disciplina Saberes e Profissionalidade, bem como nos diálogos intensos sobre essa prática docente num contexto tão plural e multicultural, em face à ausência de uma formação pedagógica direcionada ao exercício do profissional de Administração enquanto docente.

Eu sou muito feliz em ser professora. Gosto de gente, gosto de ver as pessoas com sonhos e projetos de vida, vibro com jovens em busca de identidade, de reconhecimento dos saberes. Mas tenho consciência da necessidade de desenvolvimento da minha formação em Administração atrelada ao contexto de formação de professores de Administração. Faz-se necessário o profissional de Administração que pretenda atuar como docente mergulhar nas epistemes de formação educacional com o olhar de construção do saber, dos saberes. Não basta supor que experiências em organizações subsidiam uma formação a contento. Enquanto professores de Administração, o nosso papel é formar profissionais, como diz Contreras (2002), com autonomia e criticidade suficientes para atuação no mercado.

Ao apresentar Paulo Freire num seminário e todo seu projeto de humanização à prática docente eu me emocionei várias vezes, tanto que tive dificuldade em expressar o quanto

⁴ Essas indagações vêm sendo trabalhadas no processo doutoral em curso, e assim agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo Mendonça, que possibilita essas reflexões e áreas de estudo no campo de pesquisa do qual fazemos parte.

aquele conhecimento me afetou, o quanto eu podia retratar casos e casos. Enfim, espero que eu possa continuar nesse processo de profissionalização com sensibilidade para entender que a minha disponibilidade em aprender e me formar sempre será o tom do profissionalismo que quero refletir a quem me cerca e bebe comigo dessa fonte saborosa que é o conhecimento.

REFERÊNCIAS

Barber, Bernard. Some problems in the sociology of professions. *Daedalus*, Cambridge, v. 92, n. 4, p. 669-688, set./dez. 1963.

BARISI, Giusto. La notion de "professionnalité" pour les syndicats en Italie: l'emploi enjeux économiques & sociaux. In: COLLOQUE DE DOURDAN, 2, 1982, Dourdan. 15 p.

BOURDONCLE, Raymond. La professionnalisation des enseignants: analyses sociologiques anglaises et américaines. *Revue Française de Pédagogie*, Lyon, n. 94, p. 73-91, jan./mar. 1991.

BRAEM, Sophie. Le nécessaire développement théorique de la notion de professionnalité pour la sociologie des professions française. In: CONFERENCE OF ISA RESEARCH COMMITTEE SOCIOLOGY OF PROFESSIONAL GROUPS, 52, 2000. Lisboa: UFPE, 2000.

Cogan, Morris. Toward a definition of profession. *Harvard Educational Review*, Cambridge, v. 23, p. 33-50, dez./mar. 1953.

CONTRERAS, José. *A autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez. 2002.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUTRA, Joel Souza. *Gestão por Competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas*. São Paulo: Gente, 2001.

FLEURY, Maria Tereza Leme. A gestão de competência e a estratégia organizacional. In: FLEURY, Maria Tereza Leme (coord.). *As Pessoas na Organização*. São Paulo: Gente, 2002.

GAUTHIER, Clemon; MARTINEAU, Stéphane; DESBIENS, Jean-François; MALO, Annie; SIMARD, Denis. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Unijuí, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, José. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

LESSARD, Claude; TARDIF, Maurice. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interação humanas*. Rio Janeiro: Vozes, 2005.

ROLDÃO, Maria do Céu. Profissionalidade docente em análise – especificidades dos ensinos superior e não superior. *NUANCES – estudos sobre educação*, São Paulo, v. 12, n. 13, p. 108-126, jan./dez. 2005.

SANTOS, Gideon. Trabalho docente: a cristalização de uma metáfora. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 565-580, set./dez. 2015.

XAVIER, Libânia. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 827-849, out./dez. 2014.

Ana Carolina Peixoto Medeiros

Doutoranda em Administração pela UFPE, com linha de pesquisa em Organização e Sociedade, Redes Sociotécnicas, Competências Profissionais e Trabalho (RSCPT). Professora de Administração no IFPE, pesquisadora na área de Ensino e Pesquisa Docente, Profissionalidade e Profissionalização Docentes, Competências Docentes e Desenvolvimento Profissional. Perspectivas freireanas e dialógicas no processo de formação, bem como pautadas na epistemologia da prática, também são seus objetos de pesquisa.
anacarolinapm16@gmail.com